

# Segundo turno, oportunidade democrática



**José Dirceu,**  
ex-ministro Chefe  
da Casa Civil

D S T Q Q S S

SEMPRE FOMOS FAVORÁVEIS às eleições em dois turnos. Foi o PT o partido que mais batalhou para que essa inovação democrática fosse introduzida na vida política brasileira. Logo, não temos do que reclamar. O povo decidiu e quer Lula e Alckmin disputando o voto, com idéias e programas que permitam comparar as gestões do PT e do PSDB, bem como eventuais escândalos e denúncias dos dois lados.

Lula inicia a segunda rodada com ampla vantagem de 6,7 milhões de votos sobre Alckmin. Este, mesmo na hipótese improvável de herdar a maioria do eleitorado de Heloísa Helena e Cristovam, ainda teria uma desvantagem de 4,9 milhões de votos diante do presidente Lula.

O segundo turno nos Estados não prejudica Lula; ao contrário, ele terá apoio em todos. Vejamos: tem palanque e aliados no Maranhão, com Roseana Sarney; no Rio Grande do Norte, com Wilma Faria; na Paraíba, com Zé Maranhão; em Pernambuco, com Eduardo Campos; no Rio, com Sérgio Cabral; em Goiás, com Maguito Vilela; em Santa Catarina, com Esperidião Amin; no Paraná, com Requião, que enfrenta Osmar Dias, ainda indefinido sobre quem apoiar. São conver-

gências de segundo turno. Necessárias, porque os adversários desses candidatos estão com Alckmin.

Tudo indica que haverá um maior alinhamento do eleitorado progressista com Lula, que também contará com o apoio de governadores eleitos em Estados onde sua votação precisa crescer mais, como AM, AC, BA, SE, PI, AP, TO, CE. Tem

## **A questão relevante é a comparação entre o Brasil que tínhamos em 2003 e como o deixamos em 2007**

grandes chances, ainda, de aumentar sua vantagem em MG e diminuir a distância em SP. As urnas de 1º de outubro anunciaram bancadas e lideranças fortes nesses Estados que vão reforçar o apoio local a Lula.

Mas a verdadeira questão do segundo turno é a programática. Ou seja, a comparação entre o Brasil que tínhamos em 2003 e como o deixamos em 2007. Com todas as ressalvas e dificuldades, o Brasil é hoje um país mais justo (o menos desigual dos últimos 25 anos, segundo a FGV) e, sobretudo: um

país mais bem preparado para um novo ciclo de desenvolvimento. A inflação está controlada. Os juros, finalmente, desenharam uma trajetória firme de queda. A TJLP é a menor da história econômica nacional. Zeramos a dívida externa. As reservas cambiais são cinco vezes superiores ao caixa disponível na era tucana. Criamos 5 milhões de empregos formais, contra 800 mil no último quadriênio de Fernando Henrique Cardoso.

Os investimentos em infraestrutura e na indústria de base, anunciados para os próximos quatro anos, sinalizam que chegaremos a 25% de formação bruta de capital em relação ao PIB. Projeta-se, assim, uma taxa de crescimento superior a 4%, o que favorece a arrecadação da Previdência e o maior equilíbrio fiscal, sem ônus das prioridades sociais.

Os investimentos públicos em educação, habitação, transporte coletivo e saneamento básico são um compromisso do PT para enfrentar os problemas graves das grandes cidades. O que aconteceu no Estado de São Paulo é o desfecho trágico da omissão tucana nessa área. Seu choque de competência e gestão produziu, em 12 anos, uma organização criminosa, o PCC,

que passou a comandar os presídios e, a partir deles, desfechar ordens de ataque coletivo contra a sociedade.

Alckmin faz em São Paulo o mesmo que o tucanato fez no Brasil: queima ativos públicos para cobrir passivos fiscais disfarçados.

Leiam o que tem dito o atual governador Cláudio Lembo. As contas paulistas não fecham este ano, exceto com a venda da Ceteep e a queima das ações da Nossa Caixa – numa operação arquitetada por bancos para transferir a eles mesmos parte do controle da instituição responsável pelo investimento público no Estado, e que teria sido suspensa, ao menos por enquanto, pelo impacto negativo que traria ao candidato Geraldo Alckmin.

No governo federal, o PT fez o oposto: o BNDES retomou seu papel como alavanca pública do desenvolvimento brasileiro. Há diferenças substantivas por trás da cortina de opacidade e falso moralismo com a qual a mídia conservadora quer encobrir os projetos em confronto nesse pleito. Por isso, o segundo turno será bom para o presidente Lula: permitirá esclarecer ao povo quem está com quem nesta disputa política de 2006.